

Trabalho em grupo levado a sério

Suzana De Pablos

Do El País

Madrid — A professora entra na sala para explicar aos alunos que a partir daquele dia terão uma aula diferente. Os estudantes serão divididos em grupos que eles não escolheram, não trabalharão com livros, terão que recolher documentação variada, farão trabalhos que serão avaliados por seus colegas de outras equipes e receberão três notas: uma individual, outra pelo trabalho em grupo e uma terceira por sua capacidade de ensinar aos demais.

A reação é a esperada: queixas, protestos, reclamações. A idéia de trabalhar com companheiros que não escolheram e de serem avaliados em grupo não agrada a ninguém. Durante todo este ano, 14 escolas públicas de 2º grau de Madrid e outras cidades espanholas colocaram em marcha um programa baseado na aprendizagem cooperativa, até o momento experimentado apenas com alunos de 1º grau.

Os primeiros resultados não poderiam ser melhores: o número de suspensos em cada classe caiu em média 60%; a repetência diminuiu — especialmente entre alunos com

média entre 3 e 6 —; a integração dos estudantes com condutas físicas ou verbais violentas melhorou, assim como as relações professor-aluno; o stress dos professores foi reduzido; a atenção individualizada aos estudantes passou a ser mais constante.

Os próprios alunos, que de início não gostaram do método, passaram a aprová-lo. Cerca de 75% consideram o trabalho mais fácil que o tradicional, 50% afirmam que foram melhor atendidos pelo professor e 90% disseram que sua participação no grupo foi mais ativa. Pouco mais de 50% dos alunos disseram que ficou mais fácil se preparar para os exames do que nos métodos convencionais e 90% disseram que as explicações dos colegas são mais fáceis de entender que as dadas pelos professores.

A Aprendizagem Cooperativa é um método de ensino baseado no trabalho em grupo e tem vários fins: incentivar os alunos a serem mais tolerantes, lutar contra a exclusão, e prevenir comportamentos violentos. Segundo Maria José Diaz-Aguado, coordenadora do programa, os grupos fazem com que os alunos sejam mais receptivos a temas como igualdade de direitos e racismo. “Eles aumentam sua confiança no

professor e em si mesmos”, garante.

Cada uma das escolas escolhidas para implantar a experiência separou 15 horas-aula por semana para trabalhar com o método em disciplinas diversas, como matemática, inglês, ética e história com turmas de 2º e 3º ano.

Cerca de 50 professores começaram a participar de um curso de formação no último mês de janeiro. Paralelamente, colocavam em prática o que iam aprendendo. Além da reciclagem, o curso serve de pós-graduação para os docentes.

O Instituto Juan de Herrera de San Lorenzo, uma das escolas participantes, colocou 150 alunos de cinco turmas nas disciplinas de história e ciências naturais trabalhando em grupo. Nas turmas consideradas com baixo nível de motivação o número de notas máximas duplicou, e a quantidade de alunos suspensos foi reduzida em 36%. Em ciências, as notas máximas aumentaram 67% de notas máximas e as suspensões caíram 60%.

As diferenças foram maiores nas classes consideradas com alta motivação. A redução nas suspensões foi de 87%, enquanto a quantidade de notas máximas subiu 71%.